

Sujeitos em construções de conjuntivo em português L2¹

Fátima Martins

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Abstract

This study investigates the acquisition of the interpretative properties of subjects in subjunctive (in contrast to indicative) structures by Spanish learners of L2 Portuguese, addressing the question of how knowledge of properties which are not directly accessible in the *input* develops. Both Portuguese and Spanish display asymmetries in the interpretation of subjects in indicative and subjunctive contexts: only in the latter is it semantically determined, independently of the status of the subject. Our results reveal asymmetries in the development of the different types of properties, showing that semantic properties are acquired earlier and are more permeable to L1 transfer.

Keywords: L2 acquisition, obviation, null subjects, subjunctive, indicativo, modo.

Palavras-chave: aquisição de L2, efeitos de obviação, sujeitos nulos, conjuntivo, indicativo, modo.

1. Introdução

Diz-se que numa estrutura se verificam efeitos de obviação sempre que o sujeito de uma oração finita encaixada não pode ser ligado pelo sujeito da oração matriz. Estes efeitos caracterizam as subordinadas completivas com conjuntivo em línguas como o português e o espanhol (cf. (1) - (3)).

(1) [... Sujeito_i ... [Sujeito_i T-ind ...]]

(2) * [... Sujeito_i ... [Sujeito_i T-sub ...]]

(3) a. *[Eu_i quero [que (eu)_i parta esta noite]]

b. *[Yo_i quiero [que (yo)_i parta esta noche]]

Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 451-465, ISBN 978-989-97440-1-1.

¹ Bolsa de Doutoramento da FCT SFRH/BD/48376/2008.

Em subordinadas completivas com indicativo, em línguas de sujeito nulo, como é o caso do português, do espanhol e do romeno, o sujeito da completiva é preferencialmente disjunto do sujeito matriz quando realizado lexicalmente (4a); caso contrário, é preferencialmente interpretado como correferente do sujeito matriz (4b).

- (4) a. O João_i acha que ele_{(i)/j} comprou o livro errado
 b. O João_i acha que *pro*_{i/(j)} comprou o livro errado

No que respeita à indexação do sujeito, determinados contextos de conjuntivo, que se caracterizam pela presença, por exemplo, de modais, implicativos e estativos (doravante designados ‘contextos marcados de conjuntivo’), apresentam as mesmas possibilidades interpretativas do que os contextos de indicativo, como se ilustra em (5).

- (5) a. O João_i espera que ele_{(i)/j} consiga despachar-se a horas
 b. O João_i espera que *pro*_{i/(j)} consiga despachar-se a horas

Todas estas propriedades inerentes ao sujeito são adquiridas durante o processo de aquisição da língua materna (doravante L1) através do acesso à Gramática Universal (GU) mas, se reflectirmos sobre o que acontece com a aquisição de língua segunda (doravante L2), surge a questão: até que ponto é possível falar de acesso à GU?

Sabemos que este tipo de propriedades relativas ao sujeito não é ensinado formalmente, tanto durante o processo de aquisição da língua materna como no processo de aquisição de L2. Será possível falar ainda de acesso à GU na aquisição por adultos de uma L2? Para que se possa responder afirmativamente a esta questão, será necessário que exista evidência da aquisição de propriedades que não são ensinadas formalmente, não são evidentes no *input* e não são transferidas da L1.

Para Schwartz & Sprouse (1996), a gramática da L1 constitui o estágio inicial na aquisição da L2; ou seja, observa-se, numa primeira fase da aquisição, a existência de Transferência Plena da língua materna para a língua alvo. No entanto, apesar de certos autores apontarem a existência de um período crítico para a aquisição de uma segunda língua, para Schwartz & Sprouse (1996), o acesso à Gramática Universal estará ainda activo em aprendentes adultos, de acordo com a Hipótese do Acesso Pleno, e, deste modo, numa fase posterior, a aquisição far-se-á, também, a partir do acesso à GU.

Este estudo tem como primeiro objectivo, de carácter mais geral, verificar se o percurso de desenvolvimento destas propriedades evidencia transferência inicial da L1 e subsequente aquisição por acesso à GU, de acordo com a hipótese postulada por Schwartz & Sprouse (1996). Em particular, pretende-se (i) verificar a existência de efeitos de obviação em construções completivas com predicados desiderativos que seleccionam o modo conjuntivo; e (ii) verificar a existência de uma interpretação preferencialmente correferencial do sujeito nulo e preferencialmente disjunta do sujeito

lexical em contextos conjuntivos marcados. Com este trabalho procurar-se-á, assim, contribuir para uma melhor compreensão do modo como se desenvolve o conhecimento de propriedades interpretativas que não estão directamente acessíveis no *input* linguístico nem são ensinadas formalmente.

Na secção seguinte, caracteriza-se as propriedades interpretativas dos sujeitos em orações completivas de conjuntivo e de indicativo. Na secção 3, apresenta-se a metodologia adoptada no âmbito deste estudo, que se baseou na aplicação de uma tarefa de compreensão a um grupo de aprendentes de português L2, falantes nativos de espanhol. Os resultados desta tarefa são descritos na secção 4 e, na secção 5, apresenta-se a discussão e as conclusões.

2. A interpretação dos sujeitos em contextos encaixados

Os efeitos de obviação em orações de conjuntivo são, geralmente, explicados em termos da transparência sintáctica que caracteriza estes domínios oracionais. Por exemplo, Picallo (1985) deriva estes efeitos da inexistência de um tempo de conjuntivo independente – a relação de dependência temporal que se estabelece, necessariamente, entre o tempo encaixado e o tempo matriz produz uma extensão do domínio de ligação da oração de conjuntivo, com a consequência que o sujeito da encaixada não pode estar co-indexado com o sujeito da matriz. Kempchinsky (1985), por outro lado, relaciona a obviação com a presença de um operador nulo, que provocaria a subida de T para C na oração encaixada, logo provocando a extensão do domínio de ligação (ver também San Martin, 2007).

Porém, à semelhança de outras análises propostas na literatura (ver, por exemplo, (Bouchard, 1982, 1983; Farkas, 1992); para uma revisão da literatura sobre obviação, ver (Constantini, 2005; Quer, 2006)), nem a análise de Picallo nem a de Kempchinsky explicam as assimetrias observadas entre diferentes verbos que seleccionam o conjuntivo, em português. Por exemplo, ao contrário dos complementos seleccionados por verbos volitivos como *querer* (cf. (3) acima), os complementos de verbos dubitativos e de negação não apresentam estes efeitos (6).

- (6) a. Ele_i duvida que pro_i parta amanhã
- b. O $João_i$ negou que pro_i chegasse tão tarde.

Além disso, como se observou acima, em determinados contextos, mesmo os verbos que habitualmente espoletam efeitos de obviação permitem o cancelamento desses efeitos. Tal ocorre na presença de determinados elementos na oração encaixada: para além de verbos implicativos (cf. (5) acima), também modais (7), auxiliares (8), estativos (9), passivas (10) e sujeitos focalizados (11) podem produzir este cancelamento.

- (7) José_i espera que *pro*_i possa terminar o trabalho a tempo.
 (8) O José_i espera que *pro*_i tenha ganhado o euromilhões
 (9) A Ana_i lamenta que *pro*_i esteja cansada
 (10) A Ana_i espera que *pro*_i seja eleita para ministra.
 (11) A ministra_i espera que ELA_i/ela própria_i presida à sessão

Independentemente da análise que se adopte para explicar a obviação, e apesar dos problemas que possam estar inerentes às diferentes análises que têm sido propostas na literatura, é indubitável que a obviação, em contextos de conjuntivo, é um fenómeno que é determinado por factores de natureza semântica. Tal distingue as restrições que governam a interpretação de sujeitos encaixados em contextos de conjuntivo daquelas que regem a interpretação dos sujeitos em contextos de indicativo e em contextos marcados de conjuntivo, em línguas de sujeito nulo. De facto, embora estes sujeitos sejam preferencialmente interpretados como sendo referencialmente idênticos ou distintos do sujeito matriz, consoante sejam nulos ou lexicais, respectivamente (cf. (4) acima), estas preferências interpretativas podem ser canceladas em determinados contextos discursivos, como se ilustra em (12). Tal demonstra que a interpretação dos sujeitos nestes contextos é determinada por factores de natureza discursiva.

- (12) a. O João e a Maria foram ontem comprar os manuais de Matemática. O João_i acha que ele_{i/*j} comprou o livro errado
 b. [O pai do João]_j foi ontem comprar-lhe o manual de Matemática para este ano. Porém, o João_i acha que *pro*_{*i/j} comprou o livro errado.

3. O estudo

3.1. O problema

Sabendo que as propriedades associadas aos efeitos de obviação e à interpretação de sujeitos lexicais e nulos em contextos de indicativo e em contextos marcados de conjuntivo não estão directamente acessíveis no *input* nem são ensinadas formalmente, coloca-se as seguintes questões:

- A. Como se desenvolve o conhecimento deste tipo de propriedades?
 B. O desenvolvimento de propriedades interpretativas é influenciado pela L1 dos aprendentes?
 C. Será que se observam assimetrias na aquisição dos diferentes tipos de propriedades interpretativas, ou seja, semânticas (que governam a interpretação em contextos de conjuntivo) e discursivas (que determinam a interpretação em contextos de indicativo e em contextos marcados de conjuntivo)?

A existência de assimetrias entre semântica e discurso é sugerida por ampla evidência empírica, que indica que as propriedades discursivas (Valenzuela *et al.* 2003) poderão ser mais vulneráveis e susceptíveis de atrasos no desenvolvimento que as propriedades semânticas (Slabakova *et al.* 2008). De igual modo, existe alguma evidência que certos tipos de propriedades estão, do ponto de vista do desenvolvimento, mais susceptíveis a efeitos de influência da L1 do que outros. Em particular, alguns estudos parecem indicar que é, sobretudo, no domínio das propriedades discursivas que se observam efeitos persistentes de influência da L1 nos estádios mais avançados.

3.2. Metodologia

Aplicou-se um teste de compreensão a um grupo de 20 adultos, falantes nativos de espanhol, com idades compreendidas entre os 30 e os 60 anos. Todos eles começaram a aprender português e vivem em Portugal há, pelo menos, 10 anos, e estão posicionados entre o nível intermédio e o nível avançado de proficiência.

O estudo incluiu dois grupos de controlo: um grupo era constituído por 10 falantes nativos de português, com idades compreendidas entre os 30 e os 60 anos, e com um nível de escolaridade igual ou superior ao 12º ano; o outro grupo era constituído por 20 aprendentes de português, falantes nativos de romeno, com idades compreendidas entre os 20 e os 50 anos, e a aprender português e a viver em Portugal há, pelo menos, 5 anos. Este segundo grupo funcionou como controlo, uma vez que o romeno se caracteriza por ser, tal como o português e o espanhol, uma língua de sujeito nulo, que, contudo, não apresenta efeitos de obviação em contextos de conjuntivo.

O conjuntivo romeno é caracterizado pela possibilidade de verbos como *querer* e *esperar*, que seleccionam o conjuntivo, permitirem tanto leituras de controlo (em que se estabelece correferência entre o sujeito encaixado e o sujeito da oração matriz) como leituras obviativas (em que o sujeito encaixado é interpretado como referencialmente disjunto do sujeito da matriz). Compare-se (13) e (14):

(13) Vrea **să** plece.
 quer-3sg CONJ ir-3sg
 ‘Ela quer ir.’

(14) (Ea_i) vrea (ea_k/el) **să** plece.
 (ela_i) quer-3sg (ela_k/ele) CONJ ir-3sg
 ‘(Ela) quer que (ela/ele) vá.’

(Geber & Tonciulescu, 2007: 3 a partir de Costantini, 2005)

Assim, ao contrário do português e do espanhol, a língua romena não exhibe efeitos obrigatórios de obviação em estruturas de complementação de conjuntivo.

Tendo em conta a hipótese da Transferência Plena/Acesso Pleno colocada por (Schwartz & Sprouse, 1996), apresentada acima na secção 1, poderemos formular, neste momento, algumas predições quanto ao comportamento por parte dos aprendentes de português L2 com o espanhol como L1, por comparação com aprendentes de português L2 que tenham o romeno como L1:

(i) os aprendentes de nível intermédio exibirão mais efeitos de transferência de propriedades gramaticais da sua L1 do que os aprendentes de nível avançado;

(ii) em contextos de obviação, haverá melhor desempenho por parte dos falantes de espanhol L1 de nível intermédio do que dos falantes de romeno L1 (transferência de propriedades sintáctico-semânticas);

(iii) em contextos sem obviação, o desempenho dos falantes de espanhol L1 não irá diferir significativamente do desempenho dos falantes de romeno L1 (transferência de propriedades discursivas);

(iv) num estágio avançado, em contextos de obviação, o desempenho dos falantes de romeno L1 aproximar-se-á dos falantes de espanhol L1.

3.2.1. Condições testadas

Foram testadas as seguintes condições:

i. Construções conjuntivas (com predicados desiderativos) em contexto de obviação com sujeito nulo (5 itens):

(15) O João espera que pro ganhe a corrida (pro \neq o João)

ii. Construções conjuntivas (com predicados desiderativos) em contexto de obviação com sujeito lexical (5 itens):

(16) O João espera que ele ganhe a corrida (ele \neq o João)

iii. Construções conjuntivas (predicados desiderativos) sem obviação com sujeito nulo (5 itens):

(17) O João espera que pro possa ganhar a corrida (pro \neq o João ou pro = o João)

iv. Construções conjuntivas (predicados desiderativos) sem obviação com sujeito lexical (5 itens):

(18) O João espera que ele possa ganhar a corrida (ele \neq o João [leitura preferencial])

v. Construções indicativas (predicados epistémicos) com sujeito nulo (5 itens):

(19) O João pensa que pro vai ganhar a corrida (pro = o João [leitura preferencial])

vi. Construções indicativas (predicados epistémicos) com sujeito lexical (5 itens):

(20) O João pensa que ele vai ganhar a corrida (ele ≠ o João [leitura preferencial])

O teste é constituído por 40 itens, 10 dos quais são distractores.

3.2.2. Procedimento

Cada item é precedido por um parágrafo, que tem a função de estabelecer o contexto. Contudo, este contexto é neutro, na medida em que deixa em aberto a interpretação do sujeito da oração subordinada contida na frase de teste. A tarefa do participante consiste em seleccionar a opção que lhe parece estar mais de acordo com a sua interpretação do sujeito da subordinada, de entre as três opções que lhe são apresentadas. Em (21) mostra-se um exemplo de um item de teste:

(21) Todos os anos a Paula e o João divertem-se muito na neve. Este ano, o João acha que vai para a neve ainda mais cedo.

Quem é que o João acha que vai para a neve este ano?

- O João
- A Paula
- Uma outra pessoa

4. Resultados e discussão

4.1. Contextos de obviação com sujeito nulo

Os resultados para esta condição (ver gráfico 1) mostram uma preferência clara, por parte do grupo de espanhol L1, pela interpretação de referência disjunta, tal como acontece nas respostas obtidas do grupo de controlo constituído por falantes nativos de português. Por outro lado, o grupo de romeno L1 manifesta uma preferência clara pela interpretação de correferência, observa-se, porém, uma progressão na performance no nível avançado. A assimetria observada entre os resultados do grupo de espanhol L1 e os do grupo de romeno L1 parece indicar a existência de efeitos de influência da L1 – este contextos exibem efeitos de obviação para o grupo de espanhol L1, à semelhança do que ocorre na gramática da sua L1, mas não para o grupo de romeno L1.

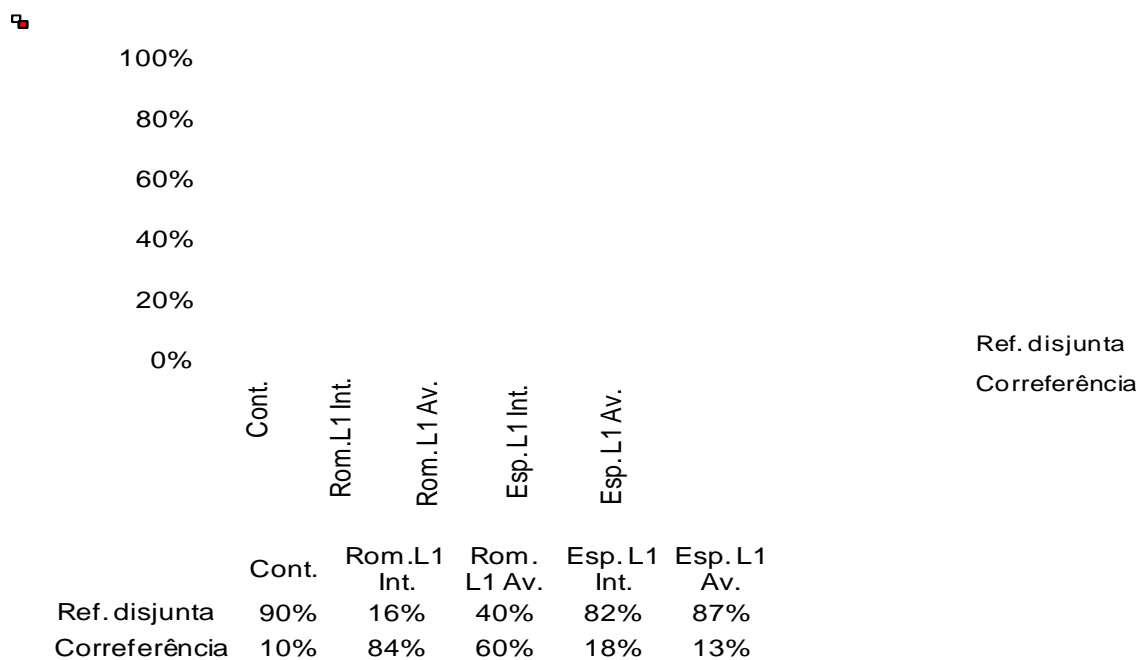


Gráfico 1: Contextos de obviação com sujeito nulo

4.2. Contextos de obviação com sujeito lexical

Nestes contextos, enquanto o grupo de espanhol L1, à semelhança do grupo de controlo de falantes nativos, continua a apresentar efeitos de obviação, com valores próximos de preferência pela interpretação disjunta aos observados com sujeitos nulos, no grupo de romeno L1 verifica-se uma inversão da tendência observada com sujeitos nulos, exibindo aqui uma preferência nítida pela leitura disjunta (ver gráfico 2).

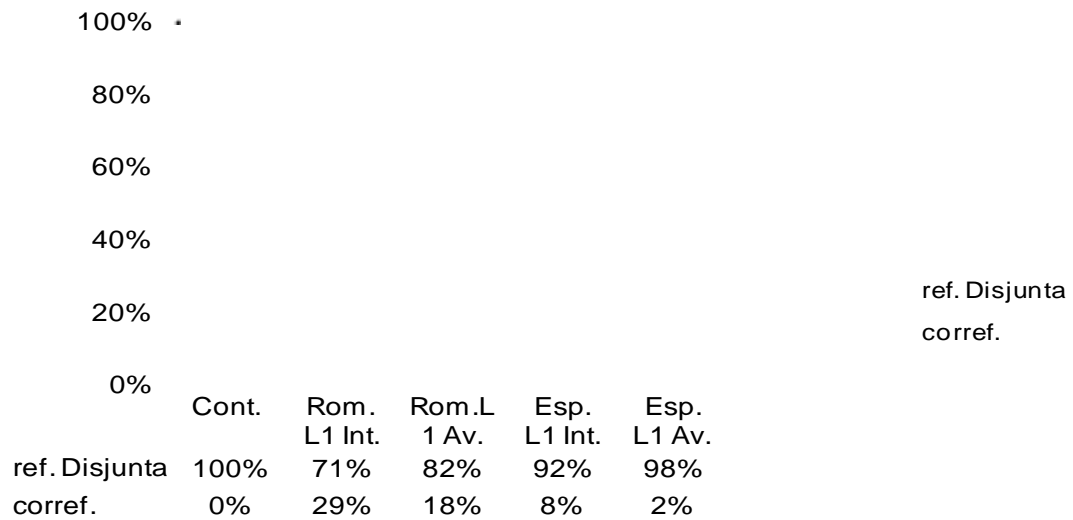


Gráfico 2: Contextos de obviação com sujeito lexical

4.3. Contextos marcados de conjuntivo com sujeito nulo

Verifica-se que, para o grupo de espanhol L1 (tal como acontece para o grupo nativo), a presença de um verbo implicativo na encaixada provoca um cancelamento dos efeitos de obviação, passando a ser possível tanto a interpretação de correferência como a de referência disjunta dos sujeitos (ver gráfico 3). Para o grupo de romeno L1, no entanto, a presença de contextos que cancelam a obviação não produz efeito nos resultados, mantendo-se o mesmo padrão de preferência pela interpretação de correferência observado com sujeitos nulos em contextos de obviação (cf. gráfico 1 acima).

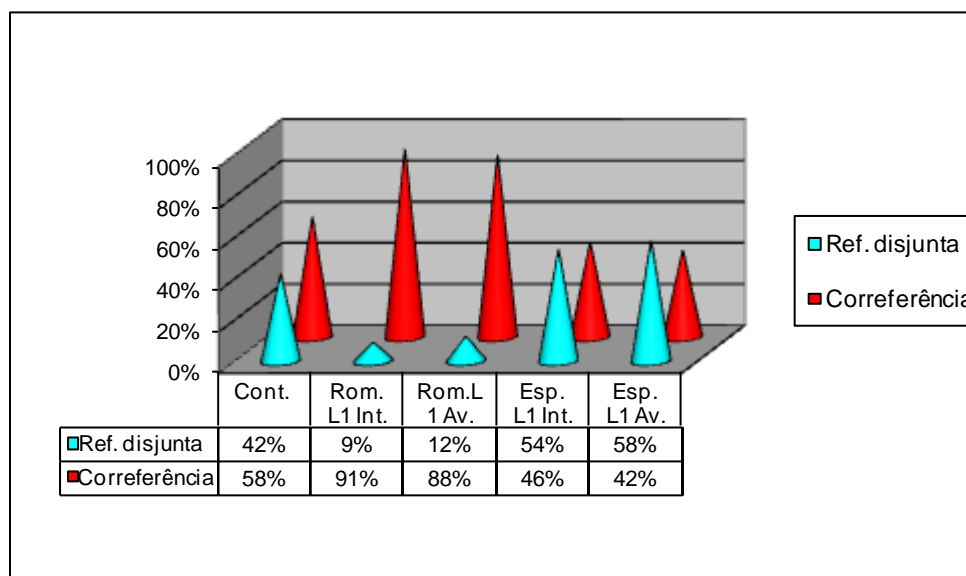


Gráfico 3: Contextos marcados de conjuntivo com sujeito nulo

4.4. Contextos marcados de conjuntivo com sujeito lexical

Nestes contextos, a preferência pela interpretação disjunta entre o sujeito pronominal lexical da subordinada e o sujeito matriz é evidente nos resultados do grupo de controlo nativo. O mesmo não acontece, porém, quer no caso dos aprendentes espanhóis quer no dos controlos romenos, já que nenhum dos dois demonstra uma clara preferência por qualquer uma das leituras, oscilando entre a correferência e a referência disjunta. Regista-se, porém, uma melhoria da *performance* nos dois grupos avançados (ver gráfico 4).

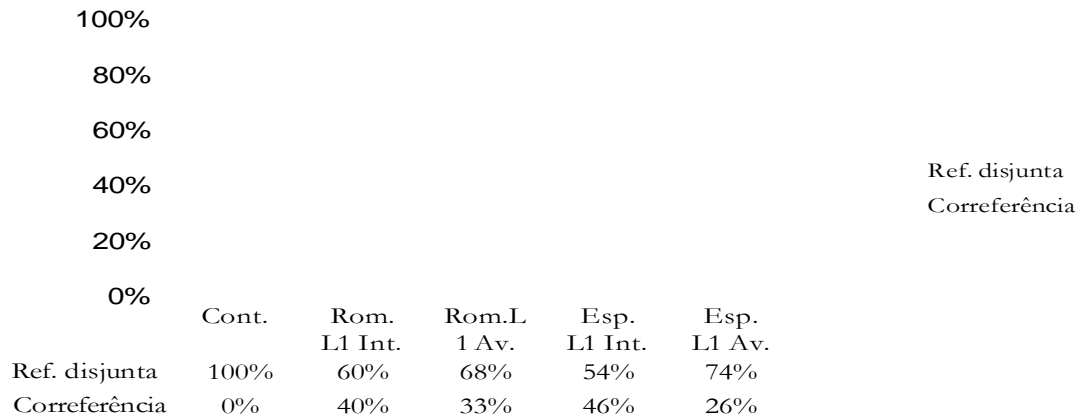


Gráfico 4: Contextos marcados de conjuntivo com sujeito lexical

4.5. Contextos de indicativo com sujeito nulo

Em contextos de indicativo com sujeito nulo, observa-se, em todos os grupos, uma preferência significativa pela interpretação de correferência com o sujeito da matriz. Assim, podemos afirmar que a interpretação de sujeitos nulos não é problemática em contextos subordinados de indicativo (cf. gráfico 5).

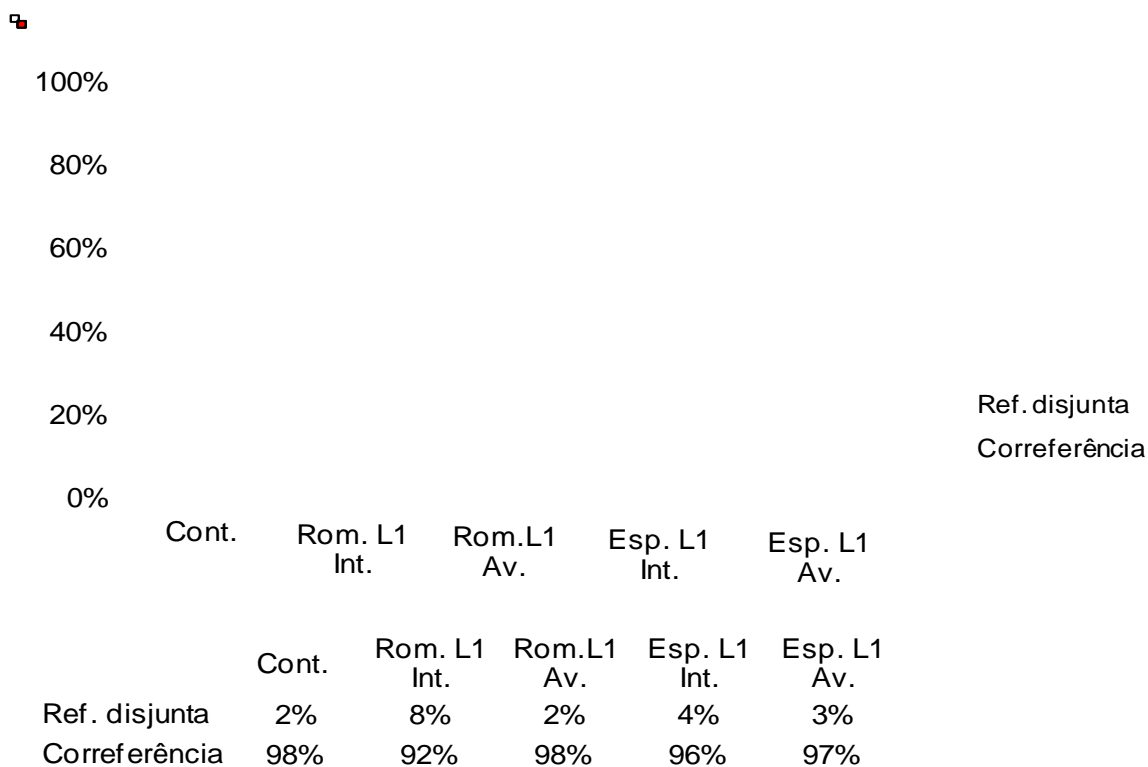


Gráfico 5: Contextos de indicativo com sujeito nulo

4.6. Contextos de indicativo com sujeito lexical

Como é visível no gráfico 6, a presença do sujeito lexical leva a uma preferência pela interpretação de referência disjunta para ambos os grupos de aprendentes, embora não tão marcada como a exibida pelo grupo de controlo nativo.

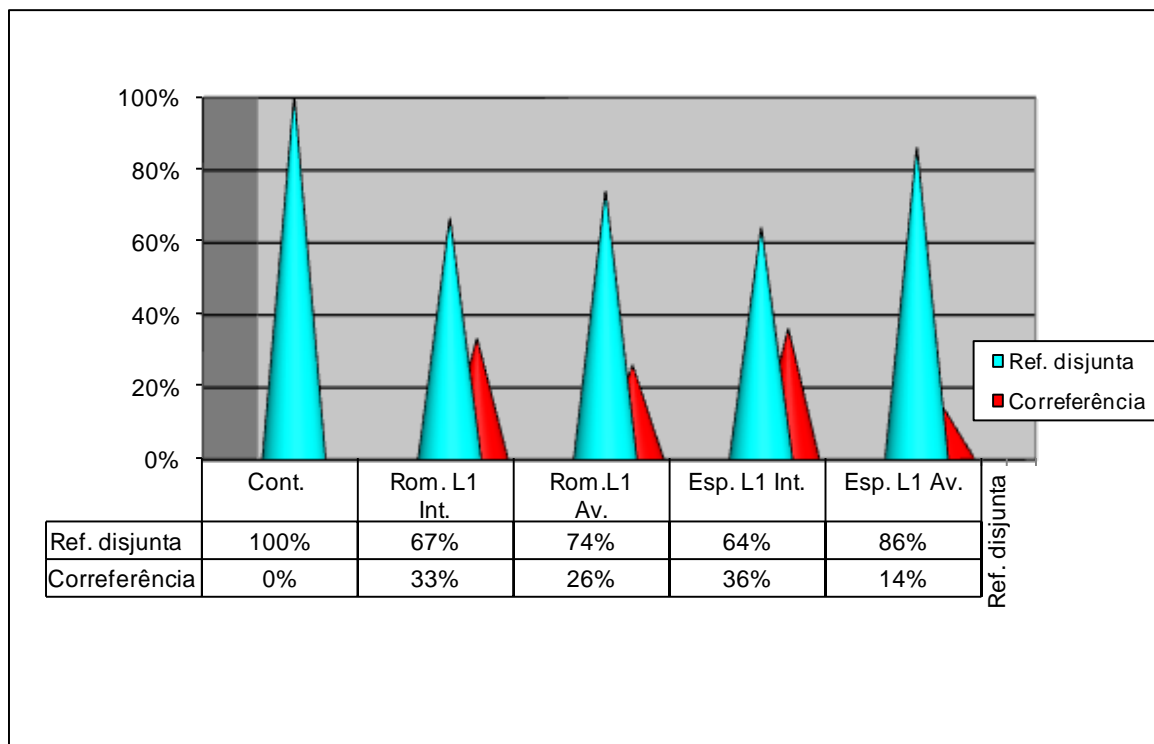


Gráfico 6: Contextos de indicativo com sujeito lexical

5. Conclusões

Os resultados indicam que os falantes nativos de espanhol não apresentam dificuldades relativamente às restrições semânticas que caracterizam os contextos com obviação. O desempenho exibido nestes contextos é semelhante ao do grupo de falantes nativos, revelando uma preferência absoluta por uma leitura obviativa do sujeito da oração de conjuntivo, independentemente do seu estatuto.

Este desempenho poderá ser atribuído à influência da L1, uma vez que, como foi referido acima, o espanhol caracteriza-se, tal como o português, pela existência de efeitos de obviação nestes contextos. Em alternativa, os resultados observados poderão indicar que o conhecimento de propriedades de natureza semântica, como é o caso das propriedades que determinam as restrições de interpretação dos sujeitos nestes contextos de conjuntivo, se desenvolve cedo, e de forma não problemática, no processo de aquisição da L2.

Uma análise dos resultados obtidos pelo grupo de romeno L1 permite-nos decidir entre estas duas opções. Ao contrário do grupo de espanhol L1, verificou-se que este grupo não revela conhecimento dos efeitos de obviação, interpretando os sujeitos nestes contextos do mesmo modo como interpreta os sujeitos em contextos de indicativo, com leitura preferencial de correferência para os sujeitos nulos e leitura preferencial de referência disjunta para os sujeitos lexicais. Assim, a comparação entre os dois grupos

de L2 sugere, muito convincentemente, que a L1 dos aprendentes desempenha um papel importante na aquisição destas propriedades.

Quanto aos contextos marcados de conjuntivo, observou-se que, com sujeitos nulos, o grupo de espanhol L1 não manifesta uma preferência clara pela interpretação de correferência, como seria de esperar, permitindo as duas leituras. Porém, este é também o comportamento exibido pelo grupo de controlo, o que sugere que as condições que determinam a interpretação dos sujeitos nestes contextos não são exactamente idênticas àquelas que caracterizam os contextos de indicativo, em que ambos os grupos mostram uma preferência clara pela leitura de correferência. O grupo de romeno L1, porém, não estabelece uma distinção entre estes dois tipos de contextos, preferindo uma interpretação de correferência em ambos.

Com sujeitos lexicais, por outro lado, o grupo de espanhol L1 apresenta resultados semelhantes aos do grupo de romeno L1: embora se observe preferência por uma leitura de referência disjunta, esta preferência é muito menos marcada do que a demonstrada pelo grupo de falantes nativos. Esta diferença é reveladora de algumas dificuldades na interpretação de sujeitos lexicais, já observada em muitos estudos anteriores. Neste domínio, a L1 não parece, pois, desempenhar qualquer efeito significativo.

Observam-se, assim, assimetrias na aquisição dos diferentes tipos de propriedades interpretativas: as propriedades semânticas, que governam a interpretação dos sujeitos em contextos de conjuntivo, são adquiridas mais cedo e são mais permeáveis à influência da L1 do que as propriedades discursivas, que determinam a interpretação dos sujeitos em contextos marcados de conjuntivo e em contextos de indicativo. Os resultados do nosso estudo corroboram, pois, as conclusões de estudos anteriores, demonstrando que alguns aspectos da interpretação que são condicionados pelo contexto discursivo não são facilmente transferidos da L1 e se caracterizam por um desenvolvimento mais tardio.

Sintetizando:

- Verificamos efeitos de influência da L1 na aquisição de restrições semânticas que determinam a obviação, visíveis nas diferenças observadas entre o grupo de espanhol L1 e o grupo de romeno L1 (evidência que favorece a Hipótese da Transferência Plena).
- Se, numa primeira fase, se verifica, por parte dos romenos, a transferência das propriedades relativas ao sujeito da sua L1 para a L2, num estágio mais avançado observa-se alguma evidência de uma aquisição gradual dessas propriedades do sujeito (o que favorece a Hipótese do Acesso Pleno).
- Alguns aspectos da interpretação, condicionados pelo contexto discursivo, não são facilmente transferidos da L1, podendo ser caracterizados, pois, por um desenvolvimento mais tardio.

É de ressaltar, que estas conclusões não podem ser ainda categóricas, visto que será necessária a realização de outros testes e estudos, inclusive testes de produção, para aferir a validade destas conclusões.

Referências

- Bouchard, Denis, (1983). The Avoid Pronoun Principle and the Elsewhere Principle. In *proceedings of ALNE 13/NELS 13*, Peter Sells, Charles Jones (eds.): 29-36. Amherst (Mass.): GLSA.
- Costantini, Francesco, (2005). On Obviation in Subjunctive Clauses: The State of the Art. *Annali di Ca' Foscari* 44: 97-132.
- Farkas, Donka, (1992). On Obviation. In Ivan A. Sag - Anna Szabolcsi (eds.), *Lexical Matters*. Stanford University, CSLI: 85-109.
- Martins, Fátima, (2008). A aquisição do Conjuntivo na Aprendizagem não formal, apresentado no XXIV Encontro Nacional da APL, 20-22 Novembro 2008, Braga
- Martins, Fátima, (2009). Indicative or Subjunctive? The choices of Spanish learners of L2 Portuguese. Presented on Workshop on Interfaces in L2 Acquisition, 19-20 June 2009. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa.
- Kempchinsky, Paula, (1985). The Subjunctive Disjoint Reference Effect. In Carol Neidle, Rafael Nuñez Cedeño (eds.), *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris: 123-140.
- Picallo, Carme, (1985). *Opaque domains*. Ph.D. diss., CUNY.
- Quer, Josep, (2004). Subjunctives. In M. Everaert - H. van Riemsdijk (eds.), *The Syntax Companion*. Oxford: Blackwell.
- Slabakova, R. (2008). Meaning in the Second Language, *Studies in Language Acquisition Series*, Berlin: Mouton de Gruyter
- Suñer, M. (1986). On the referential properties of embedded finite clause subjects. In I. Bordelois, H. Contreras and K. Zagona (eds) *Generative Studies in Spanish Syntax* Foris, Dordrecht.
- Valenzuela, Elena (2006). L2 end state grammars and incomplete acquisition of Spanish CLLD constructions. In R. Slabakova, S. Montrul and P. Prevost (eds.), *Inquiries in Linguistic Development: In Honor of Lydia White*, 283-304. Amsterdam, Johns Benjamins.